

SEGUNDA VOZ

(Marcos Bassini)

A peça terá duas personagens (ou cinco, se considerarmos os três voluntários escolhidos de surpresa ou pré-selecionados antes da peça), a VOZ, uma personagem estática ou invisível, e a SEGUNDA VOZ, que seguirá as ordens da VOZ e as sugestões do autor [entre colchetes].

Quando a luz acender veremos espalhados pelo palco uma série de objetos referentes aos assuntos tratados no texto e que, a cada nova fase, serão agrupados em setores pela SEGUNDA VOZ. No setor que chamaremos de MÁSCARA podemos colocar as camisas, casacos, chapéus, calças, saias, bermudas, vestidos e, por que não?, máscaras. No setor FÉ sugiro um crucifixo, talvez um genuflexório, bola de cristal, cartas. No setor TRABALHO o encenador pode colocar elementos de escritório ou indústria. No setor ENTRETENIMENTO penso num balcão ou mesinha com bebidas. No setor CASA, eu colocaria um sofá, que se transformaria também em cama, um fogão e uma mesa de jantar, que poderia ser a mesma usada no trabalho.

A SEGUNDA VOZ, nesta primeira parte, acredito que deveria dialogar somente com a VOZ ou com o público. O ideal é que sua interação com o primeiro voluntário seja apenas física. Não deve ser violenta, claro, mas um tanto brusca e imprevisível, como se repassasse através do gesto o que fazemos com ela.

Quando a peça começar, no escuro, veremos alguns vestígios do corpo da SEGUNDA VOZ. Quando as luzes piscarem ela estará deitada, parecendo sentir dor.

A VOZ fala ao microfone.

Essa música, está escutando? Ela tem a minha voz, percebe? É a nossa música que até agora canto, minto. Na verdade só escuto, então. Por cima daquela outra, lembra? Num arranjo em looping, isso. Melodia moderna, claro. Estilo pós-randômico, viu? Num refrão que gruda, que abraça, que beija. Impingindo a harmonia fúnebre que ecoava no porão imberbe desse palco prematuro. Numa fala natimorta. Num bis interminável.

A luz acende aos poucos.

Controlo a ansiedade, abro a boca disfarçando a fobia, arreganho as gengivas pra berrar os meus harmônicos e, qual morcego, grito pra que a voz me ajude a enxergar. Essa voz que não parece minha. Réquiem que não se deixa interromper, atravessando à faca meu silêncio.

Se bem que talvez não seja nada, penso, ao menos nada grave, creio, ou mesmo agudo, brinco. Mas se for algo sério, que tenha cura. E se não tiver, que acabe rápido. Só torço que eu esteja apenas um pouco invisível. E que a impalpabilidade seja efêmera.

Aguardo os olhos se adaptarem ao negrume e sigo engatinhando até esbarrar num corpo imerso, imenso e imundo. Massa amorfa que se espalha firme nesse nada até então impenetrável.

Já de pé, lembro de algo que ocorreu não sei bem há quanto tempo. O calendário é tão discreto quanto traiçoeiro, reflito. E, de repente, estou novamente de quatro. Levanto de

novo, como se jamais tivesse caído, e sigo lentamente, como se nunca tivesse levantado. Sou amparado por uma muleta feita de ossos. Minhas pernas.

A SEGUNDA VOZ olha para o público, vai para o setor MÁSCARA e começa a se vestir com roupas de uma pessoa mais nova, ridiculamente mais nova.

Tento evitar a claridade que me obriga a enxergar esse vulto digno de pena, cabelo mal cuidado, unhas corroídas, bunda suja e descubro então que não é nada. É só um reflexo de um avesso revirado. Relaxo e caio novamente. Só que, refletindo, se essa casca estranha é minha nova forma, faz sentido relaxar? Tudo bem, levanto. Mas quando foi que virei isso? Ou melhor, por que nasci essa coisa, bicho morto respirando?

A SEGUNDA VOZ passa a agrupar os objetos espalhados pelo palco em setores, como indicado no início.

Recordo de um algoz, ou dois, ou dez. Quem sabe tenha sido uma vítima, ou vinte, ou trinta. Não sei que personagem fui nessa história, nem com quem interagi, nem com quantos, com cem, com mil. Quem sabe eu tenha sido voz poliamorosa [*a SEGUNDA VOZ fala, pela primeira vez “Você é poliamorosa.”*], pra provar modernidade, fingindo ter a cara destruída desse tempo, com receio de que a voz cansada e rouca me denunciasse, revelando a garganta ultrapassada.

Digo que não posso dar mole [*diz, “Você não pode dar mole.”*], é assim que se fala hoje em dia? Preciso ser “up to date” ao falar desse amor que foi. Ou do que virá, por mais que eu não queira, pois aprendi que é preciso amar o próximo.

Saio em busca do que ou quem me ajude. Sei que já me ergui, mas tenho medo de seguir em frente, que meus olhos sejam propriedade da nuca, que avançando eu retroceda. Cavouco a voz primitiva, a goela intransigente, [*vai para o setor FÉ*], o pensamento encarnado em outra garganta. Fujo do pecado e glorifico o que de mais belo existe nesse pé direito alto. Bem mais que alto, altíssimo, de tanto beber sangue de cristo. O amor é a coisa mais linda, escuto, e tento não falar, ao menos não com tanta ironia, Como você sabe, já casou? Sim, casei com Deus, a pessoa me dirá com a cara mais feliz do mundo antes de ouvir, Tá explicado, se casou é natural ficar sem sexo. Brinco e me arrependo [*diz, “Você se arrepende”*]. Dois milhões, duzentos e sessenta e sete mil, novecentos e cinquenta e seis Pais Nossos, ralando as contas do terço e os joelhos na escadaria, fora as dezenas de genuflexões pra hipertrofiar a fé, um, dois, em honra daquele Deus que na Idade Média dava garra aos cruzados, três, quatro, pra decepar quem tinha outra cabeça.

Nossa Senhora da Labuta, padroeira dos boletos, me ajude a esquecer quem se recusa a ir embora, pois não tenho tempo pra perder pensando em merda [*se desloca para o setor TRABALHO e diz, “Pra que ser feliz se você pode ter sucesso?”*]. Pra que ser feliz se posso ter sucesso? Aprendo que é possível vir de baixo e chegar lá [*diz, “Lá, quer dizer, lá”*]. Que o andar de cima é acessível pra quem se esforça e que pra subir na vida não precisa molhar a mão do ascensorista. Tenho que ser o exemplar que exemplifica o grande exemplo. Não perco tempo sonhando, porque o sono é improdutivo, é o que me

dizem e eu anoto [*diz, “O sono é improdutivo”*]. Então deixo pra descansar depois do fim, debaixo da terra silenciosa, num caixão fresco e confortável, pra compensar o calor da alma em pleno inferno.

Percorro corredores com cara de quem fez algo relevante. Enalteço a luta da empresa por sustentabilidade. Dedico nosso sucesso às gerações futuras, que viverão num mundo melhor por causa das minhas noites sem dormir, ralando pra que o pobre do empreendedor, comprou tão poucos deputados, de vez em quando possa descansar. Deixo escorrer uma lágrima pensando nessas crianças que serão mais felizes porque me sacrifico. Concluo que é um bom momento pra quem deseja ter filhos. Mas por via das dúvidas [*diz, “Não esquece a camisinha”*] ligo as trompas, boto DIU, faço vasectomia e uso sempre camisinha.

Surge uma batida eletrônica, ao longe. A SEGUNDA VOZ vai até o lugar das bebidas, se serve de um copo duplo, apoia os cotovelos no que seria uma mesa ou balcão, afunda o pescoço e bebe alguns goles olhando para uma boate imaginária.

Contraio os esternocleidomastóideos [*diz, “Você deveria falar de um jeito que todo mundo entenda”*], esse músculo na lateral do pescoço, mas não porque desejo esconder a cabeça dentro dos ombros, com espírito de avestruz. A contração involuntária é o resultado do amparo desconfortável no balcão do bar, apenas isso. É preciso ter cuidado ao traduzir o que corpo fala. Escutar a voz do corpo, sim, mas entendendo que por vezes a postura é apenas consequência de um banco alto ou de uma mesa baixa. Um charuto é só um charuto, e por aí vai.

A SEGUNDA VOZ vai até a plateia, encontra o VOLUNTÁRIO UM e o leva até o palco. A música aumenta. Eles dançam.

Finjo que a dor foi enterrada. Engulo a vida com esse corpo só garganta e chego ao lugar em que a razão, essa veia autoritária, não consegue [*diz, começando a parecer irônica, “Autoritária não é a sua vo. É a veia.”*]. Encho o ar de carne, osso, sangue e, claro, nervo, muito nervo, nervo que eletrifica a carne fraca, o osso duro, o sangue quente que circula com cuidado pra não quebrar a cara.

Lembro de ter ouvido que espinha é hormonal, consequência da masturbação. Um ser que adora penetrar em dia de festa [*se aproxima do VOLUNTÁRIO UM*]. Decido enfrentar o monstro. Chego perto e em vez de perguntar qualquer bobagem [*diz, “Vem sempre aqui? O que faz da vida?”*], pergunto se politicamente é de direita. A pessoa diz que não é nem de direita nem de esquerda e eu comento que isso é a mesma coisa [*a SEGUNDA VOZ parece se preocupar com a temática séria, quase perigosa*]. Pergunto se a pessoa já ouviu falar em self [*disfarça, sacando um celular e tirando uma foto com o VOLUNTÁRIO UM*]. Digo que não estou falando de selfie, que falo de self, um conceito psicanalítico que designa a pessoa enquanto lugar de atividade psíquica, compreendeu? [*fica sem graça*] O si assimilado ao objeto de investimento narcísico, me acompanha? Assim a representação do self seria uma construção do ego. Então a pessoa pede licença, diz que vai ao banheiro e eu sei que na verdade ela achou a minha voz chata, muito chata, tão chata que nem teve tempo de escutar sobre o self dialógico, que

conversa consigo mesmo e que se baseia na distinção do eu, o que conhece, e o mim, o que é conhecido [*se afasta do voluntário, constrangida, mas sempre dançando*].

Disfarço e começo a dançar sem ninguém, fingindo que não estou nem aí, fazendo de conta de que não preciso de nada pra ser feliz. Já converso bastante comigo. Existe uma verdadeira comunidade aqui dentro, um falatório incessante, e que por isso não tenho tempo de pensar em quem não paro de pensar. Então choro, choro compulsivamente. Tento disfarçar fingindo ser um cisco. Choro e seco, choro e seco, choro e vejo as lágrimas nascendo secas porque alguém estende um lenço que eu pego e agradeço [*se reaproxima do VOLUNTÁRIO UM*].

Por que você chora?, escuto a voz mesclada à luz piscante. Não estou chorando, respondo com a toalha dos punhos. Por que você chora?, a pessoa insiste. Juro que é um cisco, digo e a pessoa desmistifica minha rigidez, Então o cisco deve ter o tamanho de um caco de vidro, porque você chora pra cacete. Tá, você diz, mostrando a catarata, Choro porque lembrei do meu amor. Que amor?, a pessoa insiste. O último, respondo. Último?, ela brinca, Não pensa em amar de novo? Pensar eu penso muita coisa, até em me atirar pela janela. A pessoa sorri, A vantagem é que assim você só se esborracha uma vez. Enquanto ela sorri, eu choro. Só que agora choro rindo.

É, eu penso, o amor aparece quando a gente menos espera [*A música para. A SEGUNDA VOZ leva o VOLUNTÁRIO UM para o setor CASA*]. Então chamo a pessoa pra casa, ela aceita, ela vai e quando ela chega eu digo, Não repara a bagunça, sabendo que a bagunça vem de algo irreparável. A pessoa olha em volta e diz, Nem tá tão bagunçado [*diz, “É porque você não viu meu coração”*]. É porque não viu meu coração, digo. Mentira, só penso em dizer mas não digo nada pra quem tira minha roupa.

Quero mostrar minha experiência, mas alguma coisa estranha acontece [*diz, pela primeira vez parecendo se preocupar com o que a VOZ diz, “Alguma coisa estranha...”*]. Alguma coisa começa a atrapalhar a concentração [*diz, querendo deixar bem claro, “Não atrapalha tanto.”*]. Lembro do meu antigo amor. Comparo esse com aquele [*diz, preocupada, “Você já vai tirar isso da cabeça.”*]. Então insisto, apago a luz, sensualizo fechando a porta, lambendo a chave, acariciando a fechadura [*tenta se explicar, “Você comenta que tem até mestrado em tantra”*]. E com muito sacrifício, consigo mostrar que valeu a pena meu mestrado em tantra e que, ainda *por cima*, gabaritei o kama-sutra.

Durmo junto, acordo junto, e descubro que a pessoa, apesar de tudo, achou a noite excelente, muito boa, bastante razoável [*diz, “Você escuta que a noite foi inesquecível”*]. É quando descubro uma nova música. A que será trilha sonora, cantada por uma nova voz. E aumento o som pra que ela ecoe bem alto, reverberando sobre aquela outra, a melodia triste que eu escutava quando fiquei só e tudo mais virou silêncio.

Cozinho junto e não reclamo, como fiz daquela vez, reclamando da dureza da carne assada, merecendo escutar, A culpa é minha ou da vaca? Agora não. Namoro a

mastigação faminta disfarçando a melancolia. Sofro antecipadamente pelo dia em que aquela arcada não estará mais ali, que nem a antiga dentição, mascando com alegria, sem me perguntar se está segurando no garfo do jeito certo, se pode falar de boca cheia ou se a comida é devidamente saudável. Por isso aproveito e, agora sim, fotografo quadro a quadro a realidade em sépia.

Então mostro pra quem diz que eu sou seu primeiro amor, primeiro grande amor, o jeito certo de pegar no garfo [*a SEGUNDA VOZ se preocupa*]. Ciceroneio seus talheres pela comida mais nutritiva. Explico que nem tudo que faz bem é gostoso. Digo que aquela história de que um cálice de vinho faz bem é pra escoar a produção de uvas [*diz, parecendo discordar, mas acatando o que a VOZ diz, “Você ensina a ser como ela deve ser”*]. Mostro livros que serão realmente importantes pra sua formação. Incentivo a gostar de teatro. Ensino que cinema é uma coisa, blockbuster é outra. Digo que me encanta sua independência, sua capacidade de se bastar, [*diz, “Você admira quem não ama porque precisa e sim porque não tem medo de amar”*], de não amar porque precisa e sim porque não tem medo.

Entro pro fã-clubes dos admiradores do seu espírito livre [*a SEGUNDA VOZ começa a sorrir menos*]. Admiro seu sorriso. Peço pra sorrir mais. E mais. Quero saber por que sorri tanto. Comento que não se deve rir de tudo, que rir de qualquer coisa não é sinal de seriedade. Mas que não deve chorar, tampouco, pois é sinal de fraqueza. E que também deve evitar uma feição indiferente, pois pode parecer que o interlocutor é desinteressante. Pergunto se a pessoa entrou na minha vida porque quis ou porque chamei. Quero saber se teria vindo se eu não tivesse convocado.

Pergunto pra mim mesmo, na verdade, pra pessoa, quer dizer, pergunto pra alguém, ou melhor, não pergunto mais nada porque agora não faz mais sentido. Só murmuro que não é o uso da mesma máscara que torna duas pessoas iguais, é na semelhança de olhar no espelho e não suportar mais o próprio rosto. Mas cochicho pra mim mesmo, porque não tem mais ninguém ali. Porque aquilo que era amor não é mais. Porque aquilo que era imenso e infinito chegou novamente ao fim.

Após um tempo sem interagir com o VOLUNTÁRIO UM, num silêncio que pretende ser constrangedor para convidado e plateia, a SEGUNDA VOZ pede o microfone, leva até o VOLUNTÁRIO UM e pergunta, “Sabe quem sou eu?”. Então diz, “Eu sou o seu primeiro amor”. Em seguida quer saber se a pessoa lembra desse amor, se foi importante, se guarda boas recordações. A SEGUNDA VOZ demonstra alegria ou tristeza, de acordo com a resposta. Em seguida agradece ou pede desculpas, também de acordo com o que disse o voluntário. Devolve o microfone à VOZ, dá um abraço no voluntário e o ajuda a voltar para o lugar da plateia onde estava.

Achar que o mundo é um ambiente hostil, que a luz revela o que existe de pior nas pessoas. Recordar as palavras daquele novo antigo amor [*a SEGUNDA VOZ repete trechos do que acabou de escutar na entrevista com o VOLUNTÁRIO UM*]. Estranhar sua fala. Não compreender como que essa pessoa disse o que disse, visto que aquilo não

combina com o que você pensava que ela diria. Jurar que ela teria dito outra coisa, em qualquer outra ocasião. Perceber a chegada inevitável da nova escuridão. Escutar a melodia fúnebre no breu do novo útero. Amalgamar a nova dor com aquela dor antiga. Dedilhar teias de aranha e assoviar a trilha sonora em sépia, achando que nunca, nunca, nunca mais vai levantar.

A SEGUNDA VOZ já está de volta ao palco escurecido para receber o novo sofrimento. A luz acende, novamente, em flashes. Nessa nova fase, seguirá o mesmo percurso da anterior e repetirá, com algumas mudanças, insinuadas pela VOZ e indicadas entre os colchetes, os gestos da primeira. A sua interação com o próximo voluntário será também apenas física. E brusca. Ao falar, agora, a SEGUNDA VOZ tentará atrapalhar o que a VOZ fala e por ela será atrapalhada, .

Essa música. Ela tem a minha voz [*A SEGUNDA VOZ diz, deitada, “Você precisa parar.”*]. Por cima daquela outra. Num arranjo em looping [*diz, “Você precisa parar de querer.”*]. Num refrão que gruda, que abraça, que beija. Réquiem. Ecoando no porão imberbe. Fúnebre. Numa fala natimorta [*diz, “Você precisa parar de querer que as pessoas sejam que nem você.” e levanta*].

Entrar discretamente, bis, como sempre, bis. Sem falar, ou falando baixo. Bis. Sem gesticular, ou com gestos calmos. Até sentir como se levasse um empurrão. Não cair, mas mesmo assim sentir o impacto hipotético, o nariz quebrado, o joelho em brasa [*diz, “Você acha que a solução é assim, tão fácil?”*]. Esconder o tropeço, dizer que não doeu, mas esfregando bem a bunda pra que possam achar graça. Em seguida demonstrar apuro. Cheirar a mão discretamente, mas com unhas bem cuidadas, cutículas de bom gosto, a marca do sol recente da pulseira supercara [*diz, “Você deixou de falar na primeira pessoa, eu, eu, eu, e agora está falando no infinitivo. Mas no fundo sabe que não mudou nada”*]. Acoplar em si uma personalidade simpática que atraia os comentários de que agora sim é boa gente, uma simpatia, como todo mau-caráter.

Volta a organizar o palco em setores.

Controlar a invisibilidade, perceber que a realidade é impalpável, adaptar os olhos ao imenso nada. Lembrar de algo que ocorreu não sabe bem há quanto tempo. Um amor, o segundo, ou terceiro. Achar que já ouviu isso. Mas não, não era isso. Não exatamente isso. Fazer de conta que perdeu as contas. Ou perder de verdade [*diz, “Você parece as ordens mofadas de um bilhete esquecido numa geladeira reciclada. Comprar, ligar, não esquecer, etc, etc.”*]. Sentir arder aquilo que não quer mostrar, a plenitude disso que empanturra, ventre estufado que distrai do tapa súbito. Ficar de pé fingindo não saber que todos fingem não saber que tudo isso é seu disfarce.

Retesar dentes, cariar a voz da frente, cuspir buracos que adoram uma briga, destruídos pelo tempo [*a SEGUNDA VOZ veste uma roupa formal, um terno ou vestido*], mas cuidar com toda pompa do frontal que ainda resta. Fazer embranquecimento, elogiar a própria mordedura. Processar o tempo pela obsolescência. Tentar mostrar ao corpo decadente quem é que manda. Levantar a cabeça, aceitar a vaia e agradecer [*diz, “Você pergunta se teriam mais respeito se você fosse a senhora sua mãe de quem lhe xinga”*].

Encontrar essa garganta só pigarro e tosse, que nem voz de espectador [*diz, “Você chama espectador de expectorante”*]. Cuspir o catarro que empanturra na cara da pessoa vil, que tem a petulância de dizer que não lhe admira. Pedir perdão glorificando o pé direito alto, com a imponência de quem pisa [*diz, “Você não acredita em nada disso.”*].

Perceber a voz que gerou a voz, o verbo que gestou a carne. Voz de pai, de mãe, voz de filho, filha, espírito santo. Não fazer ideia de quem ou o que é esse tal de espírito. Desconfiar que não seja nada, que não passa de uma armadilha, gerando assunto pra quem adora mistério. Fazer genuflexão, um, dois, hipertrofiar a fé, três, quatro, cheirar o sovaco, sobrepujar o inimigo que pensa diferente, um, dois, cheirar novamente, três, quatro, dizer que há de vencer [*diz, “Você há de vencer, que nem desodorante vagabundo” e vai observar dentro de uma bola de cristal*].

Olhar pro céu procurando a estrela que lhe condenou em pleno nascimento, procurar um especialista e ouvir ele dizendo que não pode fazer nada [*diz, “No creo en brucas, pero que las hay, las hay”*], que não é astrólogo, é astrônomo. Pedir desculpas e agora sim achar alguém que vai dizer, Tô vendo aqui, signo xis, ascendente ípsilon, lua em zê e esse drama que sempre se repete é culpa desse brilho aqui, da estrela cadente que passou na hora exata em que o obstetra lhe deu um tapa.

Esbravejar que o mundo não aceita perdedores e servir de exemplo [*diz, “O Deus pra quem você começa a rezar não é necessariamente o mesmo pra quem você diz amém” e volta a colocar na mesa objetos de escritório*]. Fingir que ensina quem veio pra aprender. Temer seus competidores. Achar ainda que é imprescindível mas lamentar porque só você acha isso.

Tenho reparado, diz sua chefe [*a SEGUNDA VOZ leva um susto e começa a trabalhar com rapidez*], na sua falta de motivação. Diga com sinceridade, você ama seu emprego? [*diz “Você gostaria de dizer que se amasse o trabalho casaria, pois era a garantia de alguém pra te foder todos os dias, mas lembra que casamento não é exatamente sexo”*], Você responde que se pudesse casaria com seu trabalho, mas lembra que casamento não é exatamente amor. Escutar que hoje em dia não basta ser próspera, uma empresa que se prese tem que primar pela sustentabilidade e que o exemplo começa pelos funcionários [*diz “Se o ócio é a oficina do Diabo, foi lá que ele inventou o trabalho.”*]. Comentar que toma banho rápido pra economizar recursos hídricos [*diz, “Diz que pra economizar recursos hídricos já trocou remédio em gotas por drágeas bem sequinhas.”*]

A SEGUNDA VOZ vai até a plateia procurar pelo VOLUNTÁRIO DOIS.

Sair da sala, entrar no elevador que lhe fez subir na vida e reparar que pra subir ele tem que descer, ninguém apenas sobe, só quem tem pai rico ou presidente [*a batida dançante recomeça antes da SEGUNDA VOZ encontrar o VOLUNTÁRIO DOIS, a obrigando a escolher rápido para voltar rápido para o palco e recomeçar a dançar*]. Fechar as mãos e levantar os braços. Rasgar o ar que se asfíxia. Ter certeza de que não

vai gostar de ninguém tão cedo, das tragédias a menor [*diz, “Dançar é uma espécie de auto-exorcismo.”*]. Sair da trincheira e observar que todo mundo um dia esteve assim. Se aproximar de alguém e dizer que o self é dialógico [*diz, preocupada com o rumo da conversa, “Entrar num assunto ameno, sei lá, dizer que o sorriso da pessoa é lindo.”*]. Explicar que dialógico tem a ver, como próprio nome diz, com diálogo [*diz, bem alto, “perguntar a marca da pasta de dente, pedir o telefone do dentista”*]. Aliás, o mais certo seria falar self no plural, portanto, selves, que conversam de forma polifônica, com personalidades distintas e hierarquias momentâneas, algumas até cantam aquela melodia fúnebre e etc e tal.

O quê?, a pessoa pergunta e você continua explicando, fingindo que não queria falar com tanta pompa, que nós não temos apenas uma voz interior, entendeu? Nós temos diversas vozes multifacetadas que se espelham nas vozes externas, que transitam pelo tempo e pelo espaço, que falam sozinhas, que cantarolam, que até, olhem só, de vez em quando batem papo.

Temos aqui dentro a voz do pai, da mãe, do amigo. A voz daquela pessoa que a gente não chegou a conhecer e daquela que a gente nunca mais viu. A voz de quem morreu e a dessa mesma pessoa hoje, caso desse o azar de ter sobrevivido. A voz de outra criança, você e uma amiguinha, e a voz dessa criança ao ver você agora, alma bem grisalha. A voz do ídolo, a do inimigo mortal e, principalmente, a voz do amor, do grande amor que já se foi. Aquela voz que cantava e agora diz que, por sua causa, perdeu a voz.

A SEGUNDA VOZ leva o VOLUNTÁRIO DOIS para o balcão das bebidas e serve dois copos. A trilha fica distante.

Estranhar o déjà-vu, ou déjà-vi, não saber como se diz. Mas independentemente da pronúncia observar que a maioria sobreviveu, aquele ali com mais barriga, aquela lá com menos peito. Contrair os esternocleidomastoídeos, pra alguma coisa serviu aquela aula de ciências, mas não porque se apoia convenientemente no balcão, e sim porque esconde a cabeça nas costas. Sorrir pra disfarçar o choro. Fingir ser caco de vidro. Ver alguém estendendo um lenço que você não pega. Por que chora? Não estou chorando. Por que chora? Vai se foder, você diz, e acaba escutando [*a trilha some e a SEGUNDA VOZ parece se surpreender com a resposta*], Vamos?

Ir pra casa mostrar a voz da experiência [*diz, “O sexo é a prova de que os filhos também reproduzem pai e mãe.”*], mas chegando lá perceber alguma coisa estranha [*diz, discordando veementemente da VOZ, “Não vai acontecer nada estranho”*]. Sentir que algo atrapalha a sua concentração [*a SEGUNDA VOZ levanta e arranca o microfone das mãos da VOZ, “Na verdade, concentração é que não falta. Aliás, nem sei se é concentração ou ao contrário, relaxamento, desconcentração, portanto. Mas isso também existe aqui de sobra.*]. Lembrar daquele antigo amor [*descobre que a VOZ falou através de um outro microfone, até então escondido*]. Comparar essa pessoa, de agora, com aquela outra [*diz, “Você sabe que são coisas incomparáveis, por isso calma, você já vai tirar isso da cabeça, é só se relaxar, lembrar de coisas boas, de...”* e

percebe que a VOZ cortou o microfone]. Finalmente ver que nada vai acontecer. Nada. Não essa noite. Nem de manhã. Desistir, apagar a luz, lambe a chave, acariciar a fechadura [*devolve o microfone para a VOZ e diz, “Você comenta que não sabe como isso aconteceu, pois tem até mestrado em tantra”*]. E, pra compensar o fracasso, recordar dos bons tempos, quando fez mestrado em tantra e só não gabaritou o kamasutra porque teve entorse na coluna [*diz, “O cigarro é a forma mais cancerígena de meditação.”*]

Dormir junto. Acordar junto. E *perceber* que a pessoa, apesar de tudo, achou a noite bastante ok [*diz, “Pela cara dela, foi tudo excelente”*]. Descobrir uma nova música, cantada por uma nova voz. Aumentar o som pra que ela reverbere sobre aquela outra, a melodia triste de quando tudo mais virou silêncio.

Contar sua história, dizer que jurou nunca mais se apaixonar, que achava o amor demodê. O que você disse?, a pessoa pergunta. Se tocar que sua linguagem é idêntica a você, defasada, explicar que demodê quer dizer fora de moda e ouvir dela, Que chique, você fala francês. Ouvir isso e achar graça.

Graça que não acharia.

Se não fosse.

Novamente.

Amor.

Lembrar de uma piada sobre a dureza da carne. Observar mastigação faminta, em câmera lenta, quadro a quadro. Dizer que andou observando nesses últimos dias, durante essas semanas, nos últimos meses, em todos esses anos, o quanto você até hoje admira sua independência [*diz alto, “Você admira sua independência” e se mantém ali*]. Sua capacidade de se bastar. De sorrir quando está com os amigos [*começa a sorrir menos e diz, mais alto, “Você admira sua independência”*]. Dizer que também é assim, feliz, mas nunca, jamais, se estivesse longe do seu grande amor. Questionar aquele amor que é feliz quando está longe [*para de sorrir e diz, lá embaixo, “Você admira sua independência”*].

Ciceronear os talheres pela comida mais nutritiva. Explicar que nem tudo que faz bem é gostoso. Apresentar aos filmes, à poesia, ao teatro [*entrega o microfone para a VOZ e senta à mesa, em silêncio*]. Mostrar a melhor hora de dormir e fazer um relato meticuloso sobre o melhor tipo de sono pra quem parece, ainda bem, cada vez mais distante.

Tentar dormir de conchinha, buscar a bunda arrebitada e perceber desencarnada. Acordar buscando alegria naquele ambiente inóspito. Olhar pelo espelho e se encontrar só. Ou é isso ou dormiu com uma pessoa sem reflexo. Procurar na cabeceira o manual de vampirismo. Se regozijar duplamente. Por ter conseguido, pela primeira vez na vida, usar a palavra regozijar. E por ter sido bem sucedido no planejamento do seu fracasso.

Após um tempo sem interagir, permitindo que se instale um silêncio que constrange voluntário e a plateia, a SEGUNDA VOZ pega o microfone e pergunta ao VOLUNTÁRIO DOIS, “Sabe quem sou eu?”. Então responde, “Eu sou aquele amor que você já esqueceu. Aquele que você um dia vai cruzar na rua e se perguntar, o que foi que eu vi nessa pessoa, lembra de mim? Você poderia me falar do que aprendeu com os amores que, como eu, passaram, causaram uma certa dor e agora são quase indiferentes?” A SEGUNDA VOZ espera o VOLUNTÁRIO DOIS responder, ou dizer que não sabe, e agradece ou pede perdão, de acordo com a resposta. Devolve o microfone à VOZ, dá um abraço no VOLUNTÁRIO DOIS e o ajuda a voltar ao seu lugar na plateia.

Estranhar a atitude da pessoa. Jurar que ela não era assim, que ela era igual a você, parecida com você, semelhante a você, ou pelo menos lembrava, assim de longe. Descansar na escuridão. Se amalgamar com a antiga voz. Embalar a melodia em sépia, no breu do útero, pra quem sabe um dia fingir que levantou.

A SEGUNDA VOZ volta ao palco que escurece para expressar um novo sofrimento. Só que dessa vez continua de pé.

Você escuta a música, bis, a música, bis, a música que devia ter a sua voz, mas escuta outra, e outra, e mais outra. Num arranjo em looping, estilo pós-randômico, impingindo a harmonia fúnebre, numa fala natimorta [*repete trechos do que acabou de escutar na entrevista com o VOLUNTÁRIO DOIS*].

Percebe que a dor não foi menor. E, pra piorar, que dessa vez não diminuiu. Mas quem sabe não tenha sido nada. Nada grave. Talvez você seja agora a própria dor [*a SEGUNDA VOZ começa a reorganizar o palco*]. Talvez tenha se transformado na invisibilidade. Na impalpabilidade permanente. Então lembra de algo que ocorreu há não sabe quanto tempo. O segundo amor. Ou terceiro. Ou o derradeiro.

Você entra discretamente, sem falar, escutando o réquiem pela centésima, não, duocentésima, quer dizer, ducentésima, ah, foda-se. Ou falando alto por causa da surdez. Devagar pra não cair, pra não quebrar o fêmur. Alega doença grave com voz aguda. Diz que não liga pra mais nada, não deve nada a ninguém. Bebe, vomita, jura nunca mais beber. Jura que já teve voz simpática, de quem era gente boa. Mas ao contrário do que dizem nunca foi tão mau-caráter.

A SEGUNDA VOZ desiste da arrumação e passa a desconstruir, rasgar, quebrar, esconder, queimar os objetos. Mas sem raiva. É provável que se divirta. Sorri sempre que falar, inclusive. E de vez em quando brinca de falar em uníssono.

Encontra essa garganta úmida, desnuda o pensamento e glorifica o pé direito alto. Faz uma genuflexão ou duas, cheira o sovaco, hipertrofia a fé, três, quatro, cheira o sovaco do inimigo que lhe enxerga diferente.

Lê a carta que psicografaram e diz que reconhece a letra, diz aquela letra é sua e que o médium é uma fraude. Mas paga o dobro da consulta parabenizando a cara de pau. Diz que ele cumpre à risca a função de entretenimento pra que a gente se divirta e não encha

o saco da elite lá de cima. Se assume ser gentalha e que a sua dor, praquela gente, é circo.

Ri desse mundo não suporta perdedores [*diz, “O capitalista investe muito pra convencer você de que é possível ser feliz com quase nada”*]. Se orgulha de não mais amar de novo. Sabe que a prosperidade depende do sacrifício dos mais fracos e por isso, só por isso, preferiu ser medíocre.

Aceita o lugar no metrô, entra no elevador e pela primeira vez se dá conta de que o ascensorista diz sobe enquanto na verdade desce. Reflete que os edifícios deveriam estar fíncados de cabeça pra baixo, pra subir na vida quando tudo mais despenca. Corre até a rua, o coração acelera, tropeça e cai no chão. Rei do king size. Rainha do calçadão. E já que vai morrer em breve, vai treinando na sarjeta.

Você é agora corpo todo boca então engole aos poucos nova massa [*diz, O álcool conserva. O gelo preserva. Eu bebia pra não envelhecer.”*] Tem cuidado com a gengiva. Mede de hora em hora o fluxo da veia autoritária e enche o ar de osso, sangue e nervo. Sente falta de ter carne, mas ainda tem um vestígio de vitalidade. Fala esternocleidomastoideos sem parar pra respirar e se preciso ainda toca, canta, dança, rasga o ar que sufocava. Lembra do inimigo e diz que é voz a ser batida.

Olha em volta e observa a desordem universal. Vê no lixo as leis rígidas que regiam o universo. Sabe que toda voz autoritária ama a voz da autoridade. Confere no horizonte a circunferência da Terra. Toma um banho rápido pra compensar o que o agronegócio desperdiça.

A batida dançante começa de surpresa. A SEGUNDA VOZ vai atrás do VOLUNTÁRIO TRÊS. A partir de agora, ao falar qualquer coisa, pode se dirigir a ele. E tentará ser mais delicada, apenas indicando o caminho que pode ou não ser percorrido por ele.

Faz as contas dos boletos. Escolhe, entre eles, qual terá a honra de ser pago. Rasga o resto, joga pra cima, dança sob o papel picado. Contrai os ombros como um animal que parece outra pessoa. Sorri pra esconder o choro. Finge ser um cisco, mas sabe ser caco de vidro velho arrancado do próprio pulso [*diz, “Você fala a palavra “você” pra disfarçar a ordem, você contrai, sorri, finge, mas é só tirar o pronome que a autoridade se revela. Contrai. Sorri. Finge. Sua voz é prima-irmã da imperativa.”*].

Leva a pessoa pra casa, pede pra ela repetir o nome. Não escuta direito, depois escuta, entretanto esquece. Decide mostrar toda sua experiência, maturidade, sabedoria [*de volta ao palco, faz com o VOLUNTÁRIO TRÊS uma guerra de travesseiros*]. A habilidade de quem já foi mestre em tantra e agora dorme vendo o kama-sutra.

Alonga as pernas, alonga as preliminares e se distrai contando da vez em que, pra parar de discutir incessantemente com um amor partido, que se recusava a abandonar seu pensamento, puxando uma conversa eterna e imaginária, resolveu cantar uma música dizendo que aquela seria como a trilha que acompanha os letreiro de um filme, sem direito a cenas de pós-créditos, que o final dela seria o fim definitivo da história, e assim

não pensaria mais no que ficou em aberto, nas perguntas não respondidas, nas respostas mal explicadas, enfim, não tentaria mais culpar, culpar, culpar e nem se desculpar, se desculpar, se desculpar.

Então você dorme junto, acorda junto e surpreendentemente encontra o novo réquiem, tocado por uma nova voz. Aumenta o som da melodia triste e confirma que agora é tarde, já vive bem, muito bem dentro do silêncio [*brinca de se fantasiar com o VOLUNTÁRIO TRÊS*].

Diz que não tem como deixar de comentar que nem tudo que é saudável é gostoso. Que não consegue desobrigar o outro a buscar o melhor tipo de sono. Que não saberia não mostrar como se come, como se bebe, como se caga [*comenta sorrindo, com o VOLUNTÁRIO TRÊS, imitando a VOZ, “Você não devia andar com essa gente”*]. Comenta que já se prometeu diversas vezes não fazer, mas quando vê está ensinando, explicando, sublinhando, criticando [*diz, “Você vai sair com essa roupa?”*] e que, uma hora ou outra, a pessoa vai ficar louca pra ir embora [*diz, “Por que você quer sair da nossa casa?”*]. Avisa que ela só vai voltar a ser feliz quando perceber que está bem longe [*conclui, “A tua herança é a minha voz”*].

Você tem a dor administrada, você é voz da experiência, você aceita ser a voz da outra voz que aqui jazia, com as cordas vocais espiraladas, que nem um DNA. E percebeu ainda em vida, dizendo, Eu te amo, ou talvez porque não disse nunca, que dor maior, sofrida e absoluta, seria não ter vivido, ao menos por um dia, esse amor tão belo quanto desprezível.

A SEGUNDA VOZ pega o microfone da VOZ, dá um abraço nela, vai até o VOLUNTÁRIO TRÊS e diz, “Não vou perguntar se você sabe quem sou eu porque, apesar da voz, da forma, da idade e, quem sabe, até do sexo um tanto quanto diferente, mudanças corriqueiras nesse lugar em que estamos, imagino que você saiba que sou o último amor. Não esse, de agora, claro, ou o que está prestes a surgir. Sou aquele que acabou e você, durante dias, meses, quem sabe anos, me perguntou, ou seja, se perguntou por quê. E agora finalmente compreendeu e aceitou que nossas vozes eram simplesmente diferentes. Mas antes delas se calarem, dessa vez pra sempre, queria que pedir uma coisa. Uma só, pode ser? Eu queria que você cantasse uma música. Qualquer música. De repente a nossa. Pois é, eu sei que ao dizer, Cante, cometo o mesmo equívoco de sempre. Sei que em todo, Por favor, tem implícita uma ordem. Mas é a sua chance, quer dizer, a minha chance de finalmente descansar. Se ao final dela, com a subida dos letrados, eu refrear o looping do arranjo, desrandomizar o bis infinito, suspender a harmonia fúnebre que ecoa no porão do palco quase em sépia, pode ter certeza que, não exatamente agora, mas com certeza em breve, eu vou conseguir pensar em você sem rancor, sem ressentimento e, principalmente, sem repetir, Por quê? Por quê? Por quê? E quando eu perguntar, quer dizer, você me perguntar se tá tudo bem, eu vou poder dizer, dessa vez sem mentira, que, sim, tá tudo bem. Tá tudo muito bem.”

A SEGUNDA VOZ entrega o microfone ao VOLUNTÁRIO TRÊS e tentará cantar junto com ele. Quando o refrão chegar, as luzes se apagarão lentamente. Caso o voluntário não queira cantar, a SEGUNDA VOZ cantará. E a VOZ se aproximará para cantar junto.